



BOLETIM INFORMATIVO
236 | 1º trimestre 2025

asp | ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL DOS PROFESSORES

Aveiro

*Uma elegância
chamada Moliceiro,
na Ria de Aveiro*

Santarém

*Santarém,
uma das Capitais do
Renascimento Português*

Contextual

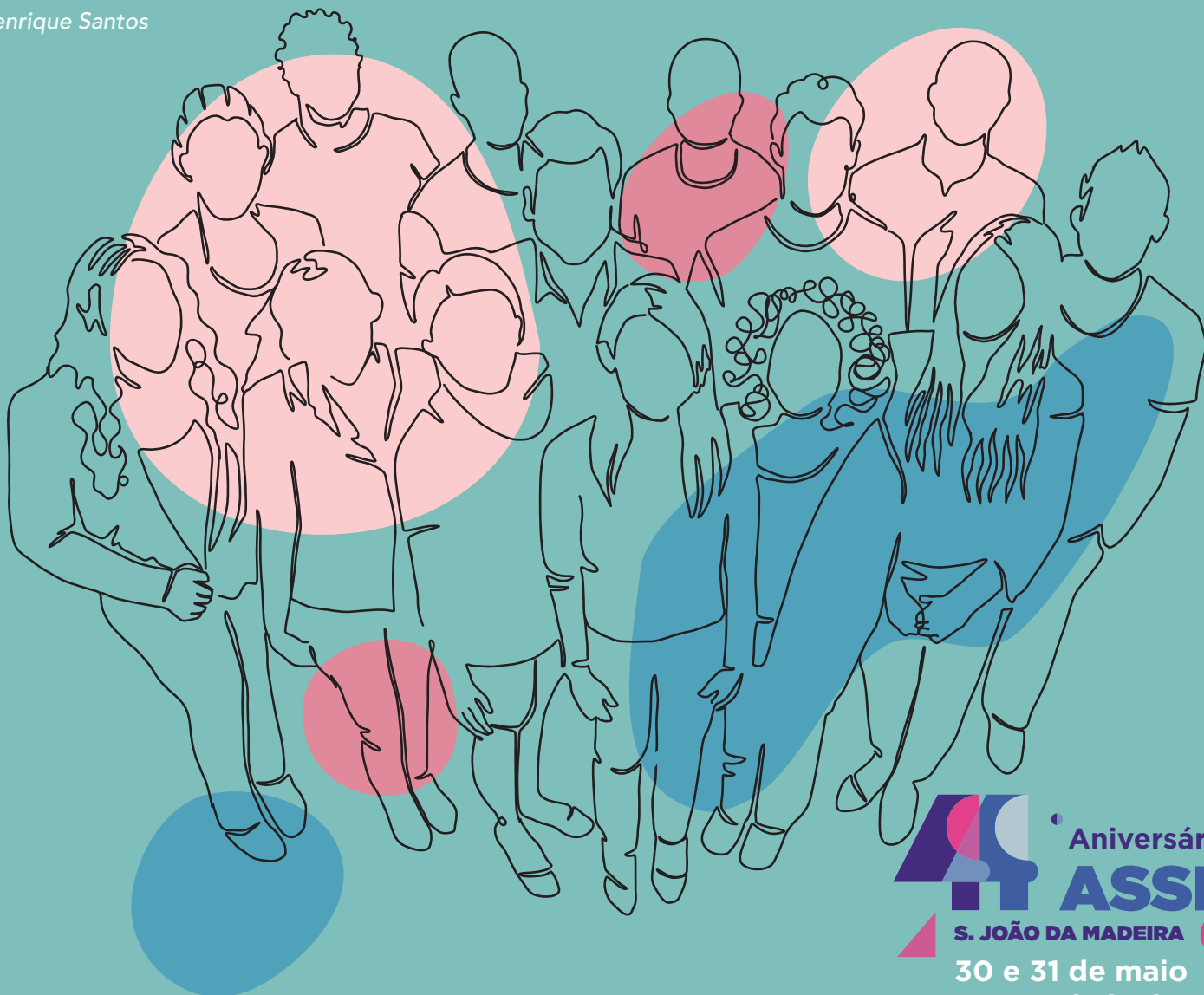
Excerto do artigo

**“O que é de facto a
Educação de Infância?”**

Henrique Santos

Delegações

Até onde o gesto alcança



**Aniversário
ASSP**
S. JOÃO DA MADEIRA
30 e 31 de maio
1 de junho

Lúdica

*Será capaz de
concluir o
passatempo?*

Consignação de IRS

Não fique de fora

2 Moradas ASSP 3 Editorial	4 Delegações Açores / Algarve	5 Delegações Beja / Coimbra	6 - 7 Aveiro <i>Uma elegância chamada Moliceiro, na Ria de Aveiro</i>	8 Lúdica Passatempos e Quebra-cabeças	9 Delegações Évora / Guimarães
10 - 11 Aniversário ASSP 44.º Aniversário ASSP São João da Madeira	12 Delegações Leiria / Lisboa	13 Delegações Madeira / Portalegre	14 - 15 Artigo Contextual Excerto do artigo "O que é de facto a Educação de Infância?" Henrique Santos		
16 - 17 Santarém Santarém, uma das Capitais do Renascimento Português	18 Delegações Porto / Setúbal	19 Delegações Viseu	19 Convocatórias	20 Consignação IRS 501 406 336	

Contactos Estruturas ASSP

AÇORES

Praça da Autonomia Constitucional, 7 - Paim
9500-787 Ponta Delgada
Tel./Fax 296 286 034 | d.acores@assp.pt

ALGARVE

Rua Engº Aboim Sande Lemos, 14, R/C
8000-544 Faro
Tel. 289 824 822 | Tlm. 933 535 047
d.algarve@assp.pt
Casa em Pechão
Tel. 289 723 744

AVEIRO

Rua da Aviação Naval, 35, L.J. E, Aveiro
3810-056 Aveiro
Tel. 234 049 798 | Tlm. 932 240 156
dd.aveiro@assp.pt | d.aveiro@assp.pt

Núcleo de S. João da Madeira

Rua dos Bombeiros Voluntários, n.º 404
3700-066 S. João da Madeira
Tel. 256 878 169 | 917 377 176
assp.tsm@assp.pt

BEJA

Rua Infante D. Henrique,
Edif. Escola Primária N.º 4
7800-318 Beja
Tel. 284 087 018 | Tlm. 969 172 537
d.beja@assp.pt

COIMBRA

Trav. dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 3
3030-181 Coimbra
Tel./Fax 239 483 952 | d.coimbra@assp.pt

ÉVORA

Rua Chafariz D'El Rei, 31
7005-323 Évora
Tel./Fax 266 709 477 | Tlm. 967 804 246
d.evora@assp.pt

GUIMARÃES

Rua Alto da Bandeira, 23
4835-014 Creixomil
Tel. 253 512 369 | 253 103 466
Tlm. 967 532 787 | d.guimaraes@assp.pt

LEIRIA

Av. Combatentes Grande Guerra, 65, 1º Esq.
2400-123 Leiria
Tel./Fax 244 813 492 | Tlm. 966 260 077
d.leiria@assp.pt

LISBOA

Rua D. Dinis, 4 | 1250-077 Lisboa
Tel. 213 700 330 | Tlm. 937 354 776
d.lisboa@assp.pt

MADEIRA

Rampa do Forte, 2 - Santa Maria Maior
9060-122 Funchal
Tel. 291 229 963 | Fax 291 282 546
d.madeira@assp.pt

PORTALEGRE

Rua Capitão José Cândido Martinó, 1
7300-295 Portalegre
Tel./Fax 245 331 612
d.portalegre@assp.pt

PORTO

Praça General Humberto Delgado, n.º 267,
2º andar, salas 9, 10 e 11
4000-288 Porto
Tel. 222 032 049 | Tlm. 929 030 804
d.porto@assp.pt

Casa da Torre

Rua da Torre, n.º 208,4580-752 Sobrosa
Tel. 255 963 538 | Tlm. 931 736 357

SANTARÉM

Rua Luíz Montez Matoso, 38
2005-145 Santarém
Tel./Fax 243 322 212
d.santarem@assp.pt

SETÚBAL

District - Cowork Space
Praça de Bocage, 67
2900-276 Setúbal
d.setubal@assp.pt

VISEU

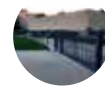
Rua 21 de Agosto, Edifício Viriato, BL 5A - 1º A
3510-120 Viseu
Tel. 232 449 099 | Tlm. 925 321 167
d.viseu@assp.pt

Residências ASSP



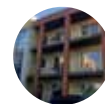
AVEIRO

Rua Nova, 50 Santiago-Glória
3810-370 Aveiro
Tel. 234 373 230
residencia.aveiro@assp.pt



CARCAVELOS

Rua Pedro Álvares Cabral, 150,
2775-615 Carcavelos
Tel. 214 584 400
residencia.carcavelos@assp.pt



PORTO

Est. Interior da Circunvalação, 3201
4350-111 Porto
Tel. 225 106 270
residencia.porto@assp.pt



SETÚBAL

Avenida António Sérgio, 1
2910-404 Setúbal
Tel. 265 719 850 | Fax 265 719 851
residencia.setubal@assp.pt

Sede Nacional

SERVIÇOS CENTRAIS

Largo do Monte, 1 | 1170-253 Lisboa
Tel. 218 155 466 | 218 888 428 | Fax 218 126 840
www.assp.pt | info@assp.pt
Seg. a Sex. 9.00h-13.00h | 14.00h-17.30h

Ficha Técnica

DIRETORA

Ana Maria Moraes

DIREÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa
Tel. 218 155 466 | Fax 218 126 840
info@assp.pt | www.assp.pt

PROPRIEDADE

Associação de Solidariedade Social dos Professores

COORDENAÇÃO EDITORIAL

ASSP Comunicação

CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Sandro Costa

IMPRESSÃO

Finepaper - Rua do Crucifixo, n.º 32 - 1100-183 Lisboa

REDAÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa
assp.comunicacao@gmail.com

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS ASSOCIADOS

Isenta de registo na ERC ao abrigo do
DEC- REG 8/99 de 9/6 art.12º n.º1 - A
Depósito Legal36086/90
Número Avulso0,50 €
Assinatura anual solidária10,00€
Tiragem (n.º exemplares)9 500

NOTA

A não adoção do Novo Acordo Ortográfico é da responsabilidade dos autores.



Ana Maria Morais
Presidente da Direção Nacional da ASSP

A alegria de um Encontro de Delegações

Foi com enorme prazer e satisfação que tive a oportunidade de dirigir o Encontro de Delegações da ASSP que teve lugar no passado dia 27 de Janeiro.

Reunirmos presencialmente na sede da ASSP, almoçarmos juntos e podermos abraçarmo-nos é uma enorme alegria.

Pudemos escutar de viva voz todas e todos os representantes das doze Delegações presentes, além do representante do Núcleo de S. João da Madeira.

Os Projectos das Delegações que foram avançados no Encontro mostram como a nossa Associação está viva e culturalmente activa. De norte a sul do país, incluindo Açores e Madeira as Delegações tiveram conhecimento da riqueza e diversidade dos Planos de Actividade que as/os representantes das Delegações foram apresentando.

Tomaram, pois, conhecimento do que cada Delegação está a construir e a projectar para o futuro.

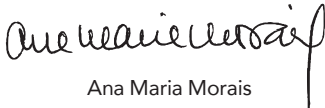
O nosso Encontro tinha uma linha de orientação que considero muito importante e está expressa no Plano de Comunicação que agora todos conhecem. Trata-se de Comunicar a uma só Voz, e, deste modo, foi

consensual a necessidade de partilharmos, permanentemente, as iniciativas e projectos que vamos desenvolvendo. Assim, seremos mais fortes, funcionaremos como um todo, e todos poderão usufruir das iniciativas que vão sendo desenvolvidas na nossa Associação.

Há muito que afirmo que as Delegações são um motor fundamental para que a ASSP possa crescer, tornando-se cada vez mais um local de inclusão e pertença dos Professores, em que cada um é valorizado pela sua diversidade e singularidade.

Uma vez mais, desejo um excelente ano de 2025, com a concretização dos nossos sonhos na certeza de que tudo faremos para manter viva e pujante a ASSP que é de todos nós.

Obrigado e bem hajam por tudo o que fazem para manter viva a chama da nossa Associação.


Ana Maria Morais

Delegação dos Açores

25º aniversário da ASSP Delegação Açores

No dia 3 de fevereiro a nossa Delegação celebrou o seu 25º aniversário. A data foi assinalada com a festa que se impo- nha onde se destacou o lança- mento do livro - ASSP / Açores 25 ANOS DE VIDA - comemo- rativo desta efeméride, da autoria de três associados: Prof. Doutor José Teixeira Dias, Drª Manuela Vaz de Medeiros e Drª Maria do Carmo Correia. A elaboração e concretização deste livro pretende honrar e preservar a memória de todos os que edificaram a Delegação Açores, legando aos mais novos os valores de compro- misso social e de pertença a uma comunidade.

Nesta sessão comemorativa, para além de participantes da



sociedade civil, contamos ainda com a presença de Drª Ana Moraes, presidente da Direção Nacional, com a presença do Presidente da Câmara de Ponta Delgada, e com uma importante partici- pação dos nossos associados, familiares e amigos.

Esta celebração traduz bem o dinamismo da nossa associa- ção. Por isso, pretendemos enaltecer, mais uma vez, a pessoa a quem devemos a sua origem, Professora Doutora Conceição Vilhena e congratu-

larmo-nos com a presença de dois dos seus impulsionadores, o Professor Rubens Pavão e Professor Mário Neves. O nosso sincero agradecimento pelo seu elevado contributo para que hoje possamos estar a celebrar esta data.

Neste quarto do século demonstramos que, a solidarie- dade, a perseverança, a coope- ração e o compromisso com o bem-estar dos associados são pilares da nossa Missão.

Delegação do Algarve

Mina de Sal-Gema

“Vamos visitar Loulé” foi o incentivo com que finalizámos o nosso artigo, no BI anterior, sobre a divulgação desta cidade. Nesse sentido, a Delegação do Algarve reali- zou no dia 23 de Janeiro, uma visita à Mina de Sal-Gema sobre a qual se desenvolve uma grande parte desta cidade. Foi na década de 50, séc. XX, que na zona da Cam- pina de Cima, no extremo nascente da então vila de Loulé, numa tentativa de cap- tação de água em aquíferos profundos que se fez esta descoberta. É a única mina de Sal-gema em Portugal com

extracção em túneis que neste momento está a ser feita pela empresa TechSalt. Esta mina, localizada a 230 m de profundi- dade, tem mais de 45 km de extensões e permite admirar formações geológi- cas com 230 milhões de anos.

Num percurso de interpretação a pé, no inte- rior da mina, com cerca de 1,3 km, descobrimos a evolu- ção dos processos de mine- ração do Sal-Gema, em



Loulé escondido à espera de ser melhor conhecido. Uma experiência muito rica e edu- cativa. Façam como nós, venham desfrutá-la!

Delegação de Beja

As Palavras no Tempo

TEXTO Associada nº 13876 L.C.

Como sabemos, a linguagem que nós, professores, utilizamos no exercício das nossas funções constitui uma enorme preocupação no contacto com os alunos, quer sejam crianças, adolescentes ou adultos, porque é com ela que lhes transmitimos conhecimentos e tentamos estabelecer entre todos um melhor relacionamento pessoal. Contudo, nem sempre é fácil alcançar esses objetivos. É certo que a comunicação social muito tem contribuído para a uniformização da linguagem do quotidiano, mas muitas variantes linguísticas existem ainda na comunicação entre os mais velhos e os mais jovens e cidadãos de regiões diferentes. Para muitos docentes que trabalham longe das suas terras de origem, têm surgido

situações inesperadas e mesmo caricatas, no decurso das aulas.

Tendo em consideração um texto de Alice Vieira publicado na revista "Audácia", no mês de fevereiro de 2015 sobre palavras que caíram em desuso ou simplesmente desapareceram da linguagem atual, nós, os que vivemos a partir da segunda metade do século XX e as usamos ainda quotidianamente, sentimos que nos faz bem recordá-las e dá-las a conhecer aos nossos netos como autênticas preciosidades de uma língua que está sempre em mudança, e que podem fazê-los entender melhor o que queremos transmitir-lhes, mesmo através das histórias que



lhes contamos, onde essas palavras são utilizadas. Vejamos algumas: **flausina, safanão, basbaque, lambisgoia, sirigaita, escanifobético, alpercata, balela, patego** e muitas mais que cada leitor poderá tentar recordar.

Após a leitura deste texto, muitos irão tentar lembrar momentos das suas vidas, em que foram utilizadas estas e outras palavras, que afinal não podem ser ignoradas, uma vez que farão sempre parte da nossa história cultural.

Delegação de Coimbra

Grupo de Teatro

O Grupo de Teatro da Delegação de Coimbra da ASSP encerrou o nosso Almoço de Natal com a representação de uma pequena peça intitulada ONDE COMEÇA A PAZ?

Trata-se de um texto escrito propositadamente para essa ocasião e cujo título é deveras revelador do conteúdo matricial da peça, centrado na antagónica dialética da Guerra e da Paz. Quem nos dera que o tema do texto revestisse a forma de uma ficcional deambulação alheia à realidade global...mas não é o caso.

A sinistra personagem da Guerra marca presença ao longo da dramatização, de modo marcante primeiro, quase invisível depois.

Se muitos decisores políticos se revelam, eles próprios, agentes perturbadores da harmonia planetária, o que poderemos nós, cidadãos comuns, contrapor no sentido da Paz? Através da



peça, pretendemos inquietar as consciências individuais para que estas se possam vir a transformar no canteiro onde a Paz nasça, se desenvolva e, paulatinamente, contagie a comunidade.

A citação de um conjunto de sábias palavras de Natália Correia acrescenta uma certa dignidade à obra.

Adquire alguma relevância uma caricatural cena do quotidiano, no trânsito, em contraponto com um trágico quadro ilustrativo dos efeitos da guerra.

TEXTO Zulmira Bento

Uma elegância chamada Moliceiro, na Ria de Aveiro

TEXTO Maria Helena Malaquias, Associada nº17845

A Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro entregou na UNESCO, a candidatura designada "Barco Moliceiro: Arte da Carpintaria Naval da Região de Aveiro" a Património Cultural Imaterial da Humanidade.

O objectivo é salvaguardar uma tradição com alguns séculos de existência e um "saber fazer" próprio da região. A decisão deverá ser conhecida durante este ano.

Aveiro não é uma cidade com velhos monumentos de pedra amarelecida.

Apesar do primeiro documento escrito que aparece, referenciar "Alauario et Salinas" como tendo sido uma doação testamentária da condessa Mumadona Dias, ao mosteiro de Guimarães, em 959, não existem, na cidade, marcas físicas remotas. Mas uma grande parte da região aveirense tem, a iluminá-la, um enorme monumento natural, a laguna, conhecida como Ria de Aveiro, marca incon-

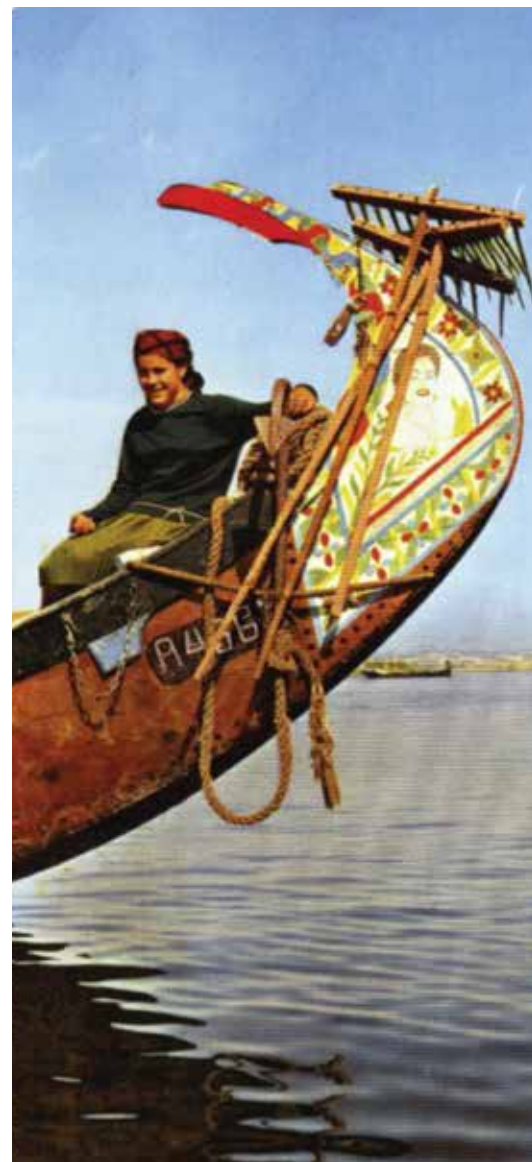
fundível na sua história.

Sempre ligada a atividades económicas, a região revê-se na produção de sal e no comércio naval.

Destaca-se no "saber fazer" da carpintaria naval regional, o barco Moliceiro, hoje forma de atração turística mas, até há bem pouco tempo, elemento fundamental para a subsistência dos povos lagunares.

O moliceiro nasce quase como uma alfaia agrícola.

A sua "singularidade, esbelteza e atrevimento das formas únicas, a que se junta a garri-dice e o atrevimento jocoso e brejeiro dos painéis brochados", atraem hoje turistas de todo o mundo. Os canais que



Barco brochado a pez louro (acervo H.Carinha).

rasgam a cidade são percorridos, diariamente, por essas embarcações que, criadas no séc XVIII, tinham então uma utilização bem diversa.

É a necessidade que o homem lagunar tem de "tirar do fundo lodoso da ria, o estrume vegetal", ou seja, o moliço, espalhando-o de imediato sobre as areias de forma a transformar as terras encharcadas de salitre em terras férteis que pudessem produzir o seu sustento, que obriga ao seu aparecimento. De Ovar a Mira, as formas da embarcação divergem, mas o objetivo é o mesmo. "Instrumento de trabalho, o Moliceiro



ro desperta-nos, desde logo, a atenção pelo insólito da sua decoração, como que pretendendo afirmar-nos nele haver vida, para lá do cumprimento essencial da sua missão”.

É um barco rápido, ágil e fino, concebido para viagens lagunares, sujeitas normalmente à influência de ventos fortes. “A bica de proa foi propositada, notória – e caprichosamente! – recurvada, e elegantemente prolongada” de tal forma “que muitos sugeriram ser inspirado no cisne”, quando vira o pescoço para trás.



Desenho de Teodoro Craveiro.

Complementa-o uma vela latina “encostada ao mastro, lá no alto, caindo por ali abaixo com os seus fartos metros de pano, expostos à aragem bem forte.” Era uma “embarcação de trabalho, mas e também, de ócio domingueiro, frequentador de todas as festas lagunares”, engalanando-se, nesses dias com “um lindíssimo pano bordado”, pregado à vela. O homem lagunar que usa o seu barco durante a semana para o trabalho da terra, e ao domingo para orar ao seu Santo, pinta-o, enfeita os seus painéis de proa ou de ré, exibindo motivos irreverentes, polícromos, naïf, onde se mistura a ingenuidade da fé com a malícia.

“É perfeitamente possível que a ideia de decoração tenha sido trazida pelos carpinteiros navais murtoseiros que emigraram para a margem sul do Tejo”.



Moliceiros a um Largo (Cravo Gorim).



RM Vital

O Moliceiro é mais do que uma embarcação lagunar. É a prova da interação do homem com o meio que o rodeava. É o resultado da capacidade criativa de superação das agruras de vidas difíceis. O homem “agarrado ao arado, com ele sulcou vezes sem fim a planura lassa, misturando-lhe o estrume marinho, estendendo-lhe a semente, para nela fazer surgir a clorofila das gramíneas intensivamente deitadas à terra”. O molicho e o moliceiro integraram, transformaram a paisagem da região aveirense. Devido a vários fatores a que não é alheia a falta de mão de obra e o aparecimento de fertilizantes químicos, a apanha do molicho sofreu forte queda nos finais do sec. XX, reduzindo, por isso, a utilização de barcos moliceiros, legando-os hoje, quase exclusivamente, ao turismo.

Daí a importância desta candidatura a Património Cultural Imaterial da Humanidade que pretende preservar, não apenas o Moliceiro cujas imagens de elegância única correm o mundo inteiro, mas também o trabalhador rústico que com ele se identificava numa simbiose de arte e trabalho.

- Transcrições e desenho retirados de Senos da Fonseca, “Monografia do Moliceiro”, no prelo

Continuamos a nossa saga de pôr as boas memórias dos leitores a dar o seu melhor.

O desafio deste número do BI funciona por exclusão de partes. Atente-se nesta lista de declamadores (devia haver uma palavra portuguesa para “diseur”, “dizador”?).

João Villaret; Eunice Muñoz; José Jorge Letria; José Fanha; Mário Viegas; Ary dos Santos; Diogo Infante; Perante cada uma das afirmações que se seguem, selecione o declamador a que essa afirmação diz respeito e suprima-o da lista. No fim restará apenas um.

1. Gravou de forma notável uma extensa coleção de sonetos de Florbela Espanca. (encontrou? suprima).
2. Foi para o extremo Oriente com a Ode Marítima de Fernando Pessoa debaixo do braço. Consta que terá ido de avião. (idem...)
3. De si mesmo disse: “serei tudo o que quizerem,..., poeta castrado, não!”
4. Escreveu (e leu...) um magnífico poema sobre duas retas paralelas que resolvem deixar de o ser.
5. Interpretou em palco a figura de um morto que, em pleno velório se recusa a estar morto.
6. Os poemas que escreve e diz, refletem geralmente situações de natureza social mundanas, filtradas por análises críticas e muito acutilantes.

Apenas uma dica: o último destes declamadores foi homenageado no antigo cinema Tivoli em Lisboa. Ao longo de cerca de hora e meia, milhares de pessoas ouviram em silêncio a sua voz. No fim, ouviu-se um aplauso entusiástico que se prolongou por longos minutos. Havia lágrimas em muitos rostos. Mas o nosso declamador não estava lá. Apenas um estreito feixe de luz, iluminando o microfone como se em espírito ele ali tivesse estado.

Quem é o nosso personagem-mistério?



Delegação de Évora

Debate

"Centrais Fotovoltaicas: Vantagens? Desvantagens?"

A Delegação de Évora promoveu um debate sobre o projeto de instalação de duas megacentrais fotovoltaicas, em Évora, freguesia da Graça do Divor.

Serão mais de 650 hectares ocupados pelas centrais, 756 600 painéis implantados numa zona sensível do ponto de vista ambiental e de significativo interesse turístico.

Ao promover esta sessão, a Delegação quis contribuir para elucidar uma problemática que tem levantado muitas dúvidas e objeções. Foram convidadas entidades com diferentes perspetivas, entre as quais a empresa promotora e a Agência Portuguesa do Ambiente que, no entanto, não compareceram.

Estiveram presentes o Presidente da Câmara Municipal de Évora, Presidente da Entidade Regional do Turismo, e representantes da Plataforma Juntos pelo Divor, que tem contestado a dimensão do

empreendimento, promovendo um abaixo-assinado e a instauração no Tribunal de Beja de uma ação solicitando a anulação da Declaração de Impacto Ambiental.

Os intervenientes foram unânimes em considerar que ninguém é contra as centrais fotovoltaicas, fundamentais na luta contra as alterações climáticas. Mas defendem que a implementação destas medidas têm que ser objeto de um plano de ordenamento que permita a sua implantação minorando ao máximo os impactos ambientais, patrimoniais, paisagísticos, económicos, sociais e culturais.

No caso deste projeto, os relatórios da Comissão de Avaliação Ambiental referem que as centrais provocarão danos irreversíveis na fauna, na flora, no solo e no enquadramento do património histórico/ arqueológico-



co. Consideram-se os impactos negativos dos projetos «significativos e muito significativos». Apesar destas considerações, e contraditoriamente, os projetos foram aprovados, mediante o cumprimento de muitas dezenas de medidas condicionantes que à partida são muito difíceis de cumprir.

Em conclusão, foi consensual que é fundamental a organização de um forte movimento cívico para impedir que estes projetos prossigam com a dimensão planeada, causando os terríveis danos que serão inevitáveis.

TEXTO Antónia Sim-Sim e Antónia Ilhéu, Associadas n.ºs 18651 e 18967

Delegação de Guimarães

O ASSP' XL

O Projeto ASSP' XL tem suscitado interesse ao longo destes anos e, por isso, decidimos partilhar um pouco da sua história, que tanto nos orgulha e tem preenchido a narrativa vimaranense há mais de uma década.

Corria o ano de 2012, quando um grupo de pessoas pró-ativas se juntou e iniciou um projeto que pretendia, por um lado, colmatar necessidades verificadas na comunidade e, por outro, contribuir para o desenvolvimento integral da criança, do adolescente e do jovem. Este projeto alberga vários eixos de intervenção, tais como o Apoio ao Estudo (em grupo e individual) que vai desde o 1.º CEB ao Ensino Secundário, a Psicologia e a Ocupação de Tempos Livres. Todas as atividades dinamizadas são diversificadas e interdisciplinares, coexistindo uma relação com

a comunidade em geral, parceiros que trabalham com infância e juventude (como a CPCJ) e escolas envolventes. Com o passar do tempo, temos mesmo chegado a escolas mais distantes na nossa sede, mas igualmente abrangidas pela nossa intervenção.

Iniciamos este sonho com 2 alunos/as, contudo, volvidos 13 anos, já passaram por nós mais de 750 crianças e jovens e 35 professores/as. Atualmente, somos família educativa de quase 150 alunos/as, almejando a sua aprendizagem, a potencialização das suas capacidades e competências e o crescimento integral e harmonioso de cada um/a. Numa



lógica de proximidade e respeito, o nosso projeto não preconiza apenas os resultados escolares, mas a formação de adultos/as responsáveis, dinâmicos e mais tolerantes. Afinal somos XL, aqui há lugar para todos/as!



S. JOÃO DA MADEIRA

30 e 31 de maio ▾ 1 de junho

A CIDADE DO TRABALHO ACOLHE A ASSP

O projeto da ASSP em S. João da Madeira nasceu em 2014 com a designação de “ASSP em Terras de Santa Maria” com o objetivo de divulgar a associação na região norte do distrito de Aveiro.

Este foi bem acolhido pelo Agrupamento de Escolas Dr. Serafim Leite de S. João da Madeira onde permaneceu até 2019.

Com novas instalações, o projeto consolidou-se, cresceu e deu origem a um núcleo criado em Assembleia Geral do dia 23 de Março de 2024.

Para além da vertente, cultural e social, o núcleo tem desenvolvido um trabalho coral e participado em vários eventos que tem divulgado a ASSP pelo país e além-fronteiras.

São João da Madeira é uma cidade moderna, localizada na sub-região da Área Metropolitana do Porto, pertencendo à região do Norte e ao distrito de Aveiro. É a sede do mais pequeno município português e tem uma área urbana de cerca de 8 km² e aproximadamente 22.144 habitantes.

VISITAS GUIADAS

ALMOÇO

PEÇA DE TEATRO

DEBATE

“Bem-estar e felicidade nas organizações”

| Dr. Fernando Elias

**JANTAR
DO ANIVERSÁRIO**

Informações:

Existem 3 hotéis (1 em fase de conclusão),
1 residencial e 2 alojamentos locais

MAIS INFORMAÇÕES

Núcleo de S. João da Madeira

Rua dos Bombeiros Voluntários, n.º 404 | 3700-066 S. João da Madeira

Tel. 256 878 169 | 917 377 176

assp.tsm@assp.pt | www.assp.pt

**Faça já
a sua
Inscrição
em assp.pt**

Museu da Chapelaria

O Museu da Chapelaria é tutelado pela Câmara Municipal de S. João da Madeira que adquiriu, em 1996, o espólio industrial resultante do encerramento de várias unidades fabris relacionadas com a indústria de chapelaria e adquiriu também o edifício da mais importante unidade industrial deste ramo de atividade, a Empresa Industrial de Chapelaria (EICHAP), onde viria a ser instalado o Museu. Ao longo dos dez anos seguintes, várias equipas multidisciplinares desenvolveram projetos de investigação, grande parte deles financiados pelo Instituto Português dos Museus/ Rede Portuguesa de Museus e pelo Município de S. João da Madeira.

Museu do Calçado

Em S. João da Madeira, cidade onde o desenvolvimento se alicerça num saber fazer tradicional, nasceu o Museu do Calçado.

Aqui dialogam as mãos experientes do ofício e a criatividade dos novos designers. Conta-se a história do calçado ao longo do tempo. Descobrem-se histórias de vidas dedicadas aos sapatos e sapatos que marcaram vidas.

O Museu do Calçado surge de forma inovadora no panorama museológico nacional ao retratar a memória da indústria do calçado em S. João da Madeira e a realidade do design de calçado em Portugal no século XX, apontando ainda caminhos da vanguarda tecnológica e criativa do século XXI.

Esta é uma opção ditada pela importância histórica de S. João da Madeira no contexto da produção de calçado a nível nacional e pelo enquadramento físico e simbólico do Museu numa política mais abrangente que assenta na cultura e na criatividade como fatores de desenvolvimento local.



O Centro de Arte Oliva

É um local para o contacto, conhecimento e interpretação das artes visuais dos séculos XX e XXI. É a única instituição do país a trabalhar regularmente com arte contemporânea e arte bruta/outsider.

No desenvolvimento da sua missão parte do entendimento que a arte é um campo complexo e desafiante, em permanente revisão e expansão e, como tal, a programação assenta sobre exposições e projetos que possam criar novas interpretações às histórias da arte em construção. Através da sua atividade estruturada nos projetos de exposição, programa educativo e iniciativas colaborativas, procura tornar vital, acessível e participada a relação de todos com as artes.



Delegação de Leiria

Projeto Matemática para Idosos

Um grupo de professores do Departamento de Matemática da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Politécnico de Leiria tem desenvolvido atividades de divulgação matemática no Lar Nossa Senhora da Encarnação, da Santa Casa da Misericórdia de Leiria. Este projeto, ainda em fase de desenvolvimento, tem como objetivo recordar e divulgar conteúdos matemáticos junto da comunidade sénior, de forma acessível e apelativa.

Entre as atividades já realizadas, destacam-se as sessões sobre sistemas de numeração e sobre simetrias, que despertaram a curiosidade e o interesse dos participantes. As próximas sessões irão abordar tópicos como frações, decimais e percentagens e sistemas de medição, tratando temas do quotidiano e que podem ser facilmente aplicados no dia a dia dos idosos. As atividades são organizadas em pequenos grupos e incluem materiais diversos, para tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico e envolvente.

Além das sessões presenciais, o projeto contará com uma vertente digital, em colaboração com o Politécnico do Porto e o Politécnico de Gaya. Em conjunto, as instituições irão desenvolver uma plataforma online que permitirá aos idosos explorar atividades matemáticas, com o objetivo de exercitar o raciocínio e manter a mente ativa, através de tópicos matemáticos de fácil compreensão.

Os docentes envolvidos no projeto, Ana Mendes, Conceição Nogueira e Luís Cotrim, consideram que este surge como uma resposta ao desafio do envelhecimento ativo, utilizando a matemática como ferramenta para manter os idosos intelectualmente estimulados e socialmente integrados. A colaboração entre diferentes instituições de ensino superior e organizações de solidariedade social demonstra o potencial da academia para contribuir para o bem-estar das comunidades, especialmente dos grupos mais vulneráveis.

Com o sucesso da iniciativa no Lar Nossa Senhora da Encarnação, os dinamizadores do projeto esperam que este venha a ser alargado a outras instituições de solidariedade social da região de Leiria. Dessa forma, pretende-se aproximar o conhecimento e a aprendizagem de todos, independentemente da idade.



TEXTO Ana Mendes, Conceição Nogueira e Luís Cotrim (Coordenadores do Projeto)

Delegação de Lisboa

Tascas de Lisboa

A comer é que a gente se entende!

Portugal é, sem dúvida, um dos países do Mundo onde se come melhor. Quem nunca provou uma posta mirandesa de Trás-os-Montes? Ou uma alheira de Mirandela? Ou o conhecido sarrabulho existente um pouco por todo o país? Ou ainda o cabrito assado? E que dizer do leitão assado da Mealhada?

Mas é em Lisboa que existem alguns tesouros gastronómicos escondidos e espalhados um pouco por toda a cidade, sobretudo nas zonas mais populares e típicas de Lisboa. São as tascas, pequenos restaurantes que servem comida popular a preços bastantes razoáveis. São locais que qualquer bom lisboeta conhece e onde se come bem e barato.

Mesmo aqui junto à sede da ASSP, próximo do Miradouro da Senhora do Monte existe a célebre Tasca do Sr João, uma pequenino restaurante onde a comida é divina, o cozido à portuguesa conta com todos os enchidos e tipos de carne, as ervilhas com ovos são deliciosas, o vinho é à descrição e há sempre um bagaço à nossa espera.

Mas se gostam de iscas vão até à Mouraria e perguntem onde fica o Zé das Iscas. Por lá encontram as mais suculentas iscas que se podem comer em todo o país. Vêm servidas, ainda, em frigideiras de ferro e mergulhadas num suculento molho pronto para receber o pãozinho.

No típico bairro da Madragoa há também boas tascas. Como, exemplo, a Varina da Madragoa, situada na Rua das Madres, em Lisboa. Há mais de três décadas que esta tasca serve boa comida popular portuguesa como os granadinos de vitela, ou bife à Varina. Mas o verdadeiro rei desta tasca é o Bacalhau à Braz. Se decidir visitar esta tasca ainda pode provar os ovos mexidos com farinha e o queijo de cabra frito com molho de frutos silvestres.

É ou não de fazer crescer a água na boca?

Querem ainda mais sugestões de tascas lisboetas? Contactem a Delegação de Lisboa da ASSP se quiserem participar em futuras visitas a Tascas de Lisboa, com almoço.



Delegação da Madeira

A Escola Primária do Porto Santo

Uma das obras mais notáveis do conceituado arquiteto Raúl Chorão Ramalho, que pertenceu ao Movimento Moderno em Portugal, é a discreta Escola Primária do Porto Santo, uma obra de grande frescura e atrevimento, é seu projeto de 1959. Inovadora e exemplar no seu afastamento à série de escolas do Plano Centenário, concebidas pelo Estado Novo, nela o arquiteto aplica disciplinarmente a máxima modernista da “forma segue a função”.

O edifício, na linha do racionalismo puro, é constituído por quatro blocos geométricos, secos, iguais entre si e contíguos, que se elevam acima dos alpendres, contemplando duas salas de aula masculinas e duas salas de aula femininas, implantadas separadamente segundo as directrizes do Ministério da Educação de então. Inteligentemente, o arquiteto contrapõe em frente de cada sala de aula, de amplos fenestramentos totais, um espaço complementar ao ar livre, pontuado por uma árvore, tirando partido do clima ameno da ilha.

As paredes que sustentam a cobertura do recreio apresentam um jogo de pequenas aberturas de carácter geométrico que animam os pátios que delimitam.

As fachadas são pintadas de creme, os pilares, autónomos e visíveis, são pintados a verde, outrora à vista e posteriormente pintados a grená (cor tradicional dos socos e molduras das casas vernáculas madeirenses), e as vigas da laje da cobertura, são em betão aparente, ainda se vislumbrando os bonitos desenhos dos veios das cofragens de madeira.

O grande sentido plástico do arquitecto, patente nesta obra, revelou-se ainda naquela que é a grande inovação deste imóvel, a cobertura, hoje infelizmente desaparecida, com terra de “salão”, usada na arquitectura vernácula popular local e que funcionava como um excelente isolamento térmico das lajes de betão no clima seco e quente de Porto Santo.

O projecto da Cantina é já de 1963 e obviamente segue o mesmo código moderno. Grande corpo autónomo a sul das salas de aula e orientado também a sul, com grandes fenestranças que se elevam ligeiramente acima do alpendre de betão aparente que lhes protege os vãos.

As obras decorreram entre 1965 e 1968 e a escola abriu parcialmente à comunidade escolar ainda durante a execução dos trabalhos, no ano letivo de 1967/1968.

Curiosamente Chorão Ramalho faz um estudo do sol para aquele lugar, de forma a conceber palas sombreadoras que protegessem o interior das salas da intensa luz solar, que poderia entrar pelas grandes aberturas totais em vidro.

Este equipamento escolar, de escala doméstica, é um testemunho de vanguarda que se afasta dos modelos-tipo do Plano Centenário. Foi possível a sua construção talvez pelo contexto de dupla insularidade, por se encontrar longe dos centros oficiosos de controle e decisão do Estado Novo.

Felizmente a Associação de Arte Porta 33 está a dar uma nova vida a esta escola, recentemente desativada, continuando de certa forma, a cumprir com os propósitos educacionais para que foi concebida.



TEXTO Emanuel Gaspar

Delegação de Portalegre

Por terras de Marvão

Contam as crónicas árabes que Ibn Maruán, nos finais do século IX, ergueu aqui o seu refúgio e mandou construir uma cisterna. A povoação, só no séc. XII, passaria para o controlo de Dom Afonso Henriques.

O primeiro foral foi outorgado por Dom Sancho II (1226). Recebeu o Foral Novo, no tempo de D. Manuel (1512) que também reabilitou os muros, providenciou novos Paços do Concelho com relógio, cadeia e pelourinho na praça pública.

O velho tribunal conserva o mobiliário original, a cátedra onde se sentou Mouzinho da Silveira que aqui iniciou a carreira de magistrado.

Extra muros ergue-se o convento franciscano de Nossa Senhora da Estrela, o vale da Arame-nha, com as ruínas da Ammaia e o “Túnel das Árvores”.

Espanhóis e portugueses continuam a confraternizar junto da ponte quinhentista e torre medieval da Portagem onde se cobravam os “direitos d’el Rei”, especialmente aos milhares de judeus depois de expulsos pelos Reis Católicos (1492).

Marvão continua sede de um dos mais pequenos concelhos do País. As estreitas ruas acomodam-se às curvas de nível, encaminhando o visitante ao ponto mais alto do penhasco, despedindo-se do Sol num espectáculo inolvidável.

Colega,

O que espera para realizar um ótimo passeio, usufruir do benefício que o Protocolo realizado pela nossa delegação com a Pousada de Marvão, Restaurante Varanda do Alentejo e Hotel D. Dinis, lhe proporcionará?

Só tem que apresentar o Cartão de Associação.



(Texto baseado no trabalho do Professor Doutor Jorge Oliveira “Marvão, mil folhas de história” - 2023)



[SUBSCREVA]

www.contextual.assp.pt

Este nosso “precioso” BI é, como o nome indica, um “Boletim Informativo”. Constitui-se como um fórum em que se cruzam as múltiplas dinâmicas da ASSP, quer ao nível central, quer ao nível das delegações. Contribuem para isso diversos colaboradores, tendo em vista, de uma forma geral, uma visão interna alargada da própria associação.

Os responsáveis pelo BI, nomeadamente a sua presidente, há muito tempo que vêm sentido a necessidade de conferir ao BI uma outra missão: a de ser uma revista aberta, vocacionada para os complexos mundos em que os profissionais da educação se movem, nos seus mais diversos níveis, abordagens e contextos. Esta alteração do BI na

sua forma de “revista em papel”, levantaria diversas questões, quer de ordem editorial, quer de ordem financeira.

Por esta razão, optou-se por manter o BI na sua atual forma, mas inventando uma sua irmã, mais ampla, mais moderna e publicada quadrimestralmente “online”, da qual já saíram os números 0 e 1, estando em vias de ser publicada a número 2.

E porque toda a educação é contextual, chamou-se-lhe precisamente “CONTEXTUAL”. É um serviço gratuito que se presta a todos os professores, sendo talvez a única revista com estas características que neste momento se publica em Portugal.

O que se segue é um excerto de um artigo escrito para a CONTEXTUAL número 2, da autoria do Educador de Infância Henrique Santos do Agrupamento de Escolas Professor Armando Lucena, na Malveira.

No artigo completo, o autor desvenda parte da sua notável experiência profissional e académica, a qual lhe dá reconhecido lastro para procurar respostas para a pergunta **“O que é, de facto, a Educação de Infância?”**

Este excerto pretende ser um aperitivo e um convite para que os leitores do BI adquiram o hábito de “espreitar por cima do muro”, lendo, usufruindo e ponderando os seus possíveis futuros contributos para uma melhor CONTEXTUAL.



Na minha atividade como formador ou como dinamizador de diversos fóruns de reflexão, tenho favorecido a reflexão sobre os pressupostos didático-pedagógicos da Educação de Infância, tal como expostos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), e procedido à sua análise e avaliação. Neste campo, especificamente, a análise da sua implementação nas salas de atividade e no desenho curricular dos profissionais e dos seus departamentos.

Por mais que seja admitida, no discurso e na narrativa, pelos profissionais, a “bondade”, atualidade e pertinência dos seus fundamentos e princípios, ao acompanhar a sua implementação, fica evidente a sua reduzida apropriação como instrumento orientador da prática, como instrumento de apoio ao planeamento, observação e avaliação de aprendizagens. Em muitas situações, o “modelo” cumprido pelos profissionais é o “herdado” da sua formação inicial, validado pelos pares e sem grande questionamento científico e metodológico.

Da minha experiência, tenho a consciência de que falta leitura partilhada, reflexão e análise e, sobretudo, discussão reflexiva entre os profissionais. A construção de uma “consciência coletiva” sobre a filosofia e sobre a intencionalidade educativa deste nível de Educação expurgando a prática de uma “pré-escolarização” racional e técnica, é um imperativo que é reconhecido pela Lei, pelo menos desde 1997, mas que não tem tido uma “defesa” efetiva por parte dos seus profissionais.

Esta dificuldade de apropriação tem sido, a meu ver, um forte opositor à sua compreensão e aceitação como instrumento fundamental da construção de uma Educação de Infância de qualidade.

A manutenção de práticas menos refletidas, planeamento de ações tendo por base o “sempre foi assim”, a incapacidade de usar os documentos legais como elementos estruturantes da organização escolar e, sobretudo, a incapacidade de nos apropriarmos deles (na perspetiva de os compreendermos para os utilizarmos), tem afastado a Educação de Infância do “centro” do edifício escolar e educativo, com prejuízo para a Escola.

O segundo aspeto que interessa refletir, e aqui chamo a minha prática como “convicto” ERAMUS, prende-se com o contacto constante com outras realidades, sobretudo europeias, de Educação de Infância.

Ao longo de quase vinte anos, tenho acompanhado as dinâmicas sociais e educativas de diversos países europeus, no que concerne à construção de respostas educativas para crianças pequenas. Em alguns casos, também com participação na sua organização. E, neste âmbito, posso também afirmar, que Portugal se distingue positivamente, neste campo.

Portugal apresenta, atualmente, taxas de cobertura de Educação de Infância na ordem dos 90% e, independentemente desta sua integração no discurso (e prática) política e pedagógico, documentos como as referidas OCEPE, o Perfil de Desempenho do Educador de Infância, a formação académica dos seus profissionais ao nível do grau de Mestrado ou a Lei-Quadro para a Educação Pré-Escolar são, em alguns casos, únicos no panorama europeu.

Esta especificidade legal constitui-se como um manancial que, no meu entender, não tem tido a sua devida atenção e muito menos tem sido aproveitada pelos docentes. Tendencialmente, assumimos um discurso miserabilista que, na maior parte das vezes, nos prejudica no sentido de incorporar as boas práticas legislativas na prática educativa. A própria profissionalidade docente tem-se confundido, nos últimos anos, com uma construção mais assente na valorização do docente (num discurso cheio de “direitos” e “conquistas” do profissional) e menos numa construção pedagógica e educativa.

Durante muitos anos, o modelo assistencialista da Educação de Infância (baseado, sobretudo, nos conceitos de “guarda” e “cuidar”) cimentou uma abordagem social (das comunidades e famílias) que perspetivou a resposta institucional adequada. Contudo, a crescente investigação e a aprendizagem sobre “a forma como aprendemos” (cf. Pinto & Gomes, 2013), bem como o cada vez maior espaço de análise científica sobre os “efeitos” da educação de infância ao longo da vida” (cf. Barnett), possibilitou a aquisição de novos conceitos que, no caso português permitiu a sua crescente inclusão nos documentos legais dos demais ciclos educativos, na concepção de novos espaços educativos e até na organização curricular.

É então, este “novo” desígnio educativo, tão presente nas palavras do agora ex-Ministro da Educação no preâmbulo das OCEPE.

Santarém, uma das Capitais do Renascimento Português

TEXTO Vítor Serrão

Historiador de Arte

Prof. Catedrático Jubilado da UL

Associado nº 23 141

É um facto reconhecido que Santarém é a *Capital do Gótico Nacional*, tal como foi baptizada em 1924 pelo historiador de arte Vergílio Correia, reconhecendo valor excepcional ao património dos séculos XIII-XV ainda existente na cidade: São João do Alpoirão, Santa Clara, São Francisco, a Graça, Santa Cruz da Ribeira, etc. Mas não é menos verdade que, no século XVI, a vila passou por outra fase de grande brilho cultural e artístico. No recente livro *Camões: Altos Cumes, Scabelicastro e Correlatos* (Edições Cosmos, 2024, escrito em colaboração com Mário Rui Silvestre), considero 'a sempre enobrecida Scabelicastro' (tal como lhe chama Camões n'Os *Lusíadas*), uma das capitais portuguesas do 'largo tempo do Renascimento', um tempo em que os ventos humanísticos de Itália se tornaram fonte de inspiração para os nossos literatos, poetas, escritores e artistas.

Apesar das perdas sofridas no património edificado, nos recheios decorativos e nos acervos arquivísticos, que não sobreviveram a sucessivos cataclismos, sobretudo no século XIX, pode considerar-se que a Santarém do século XVI é um alfobre de valências significativas no campo cultural. Sabemos hoje que os melhores artistas do Reino aqui trabalharam. O arquitecto Miguel de Arruda veio traçar, em 1559, a igreja-salão da Misericórdia, obra-prima do classicismo de expressão civilista. Entre 1547 e 1549, regressado de Itália, o famoso Francisco de Holanda viveu em Santarém, aqui escrevendo dois famosos tratados, o *Da Pintura Antigua* e *Do Tirar Polo Natural*, e dando começo aos desenhos do *De Aetatibus Mundi Imagines* (o *Génesis*, de tão grande inovação neoplatónica).



Retrato de Camões
pelo pintor Fernão Gomes, c. 1573.

A sua presença, vindo em 1540 de Itália, inspira mecenas e artistas e divulga modelos *all'antico*. Na altura, estavam na vila, e no próximo Paço Real de Almeirim, figuras gradas de *literati* e humanistas, sem esquecer que o seu irmão João Homem de Holanda, jurista e homem de letras, foi Provedor da Comarca.

Também os pintores lisboetas Diogo de Contreiras e Cristóvão Lopes intervêm nas obras do Convento de Santa Clara (cerca de 1550-1555), tal como o grande escultor castelhano Diego de la Zarza, depois de estar activo na igreja do Milagre (c. 1545-1550). O novo gosto «ao romano» transmite-se a artistas locais com obras muito interessantes, caso do pintor Ambrósio Dias (chamado o Mestre de Romeira) e dos escultores anónimos que lavraram portadas, janelas, balcões e tumulária ornados de 'grotescos' e outros motivos renascentistas inspirados nas gramáticas da Antiguidade clássica (veja-se o púlpito da igreja de Santa Cruz, por exemplo). Parece que eram relevantes, ademais, as bibliotecas de gente como os Coutinho, os Meneses, os Macedo e outros espaços difusores de cultura humanística dos quais nada resta e pouco se sabe...



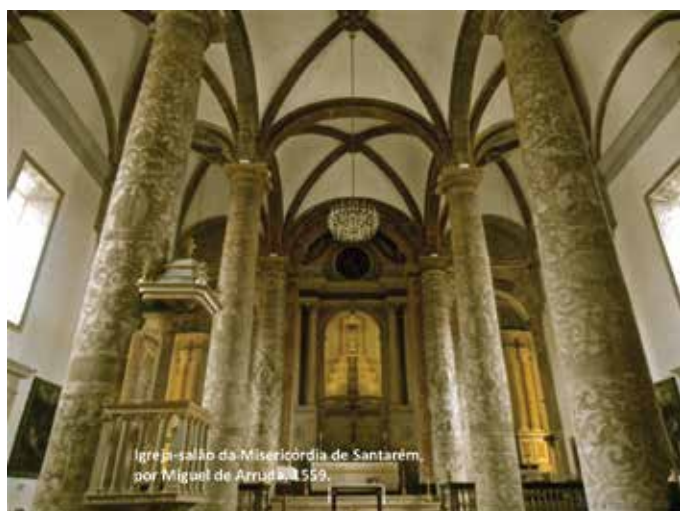
Pormenor de uma vista de Santarém no século XVII.

No campo literário, é certo que o ambiente santareno era de fulgor, com a presença de gente como o historiador Fernão Lopes de Castanheda e o escritor Manuel de Sousa Coutinho (o futuro Frei Luís de Sousa), o que explica que também Luís Vaz de Camões aqui passasse algumas estâncias, se é que não nasceu mesmo na vila, a crer em Manuel de Faria e Sousa afirma taxativamente em 1639: di-lo natural de Santarém, que era a terra de sua mãe Ana de Sá Macedo. Através dos testemunhos do padre Manuel Correia e de Pedro de Mariz, que conheceram Camões, e de Manuel Severim de Faria (1624) e do referido Manuel de Sousa Coutinho, sabemos que sua mãe era do ramo «dos Macedos de Santarém» e viveu junto ao Santíssimo Milagre, igreja que teve como párocos dois primos de Camões. Que o vate passou tempos da juventude e os «meses de exílio» de 1547-1548 em Santarém, também é uma certeza, existindo dados seguros sobre as suas relações com os Coutinho de Vaqueiros e o poeta D. Manuel de Portugal, de Vale Figueira, duas 'cortes literárias' que frequentou.



Cristóvão Lopes, *Encontro de Sant'Ana e S. Joaquim na Porta Dourada*

(pormenor). c. 1550-1555. Painel que pertenceu ao convento de Santa Clara.



Igreja-salão da Misericórdia de Santarém, por Miguel de Arruda, 1559.

É preciso saber avaliar o património escalabitano de artes e letras quinhentistas de uma forma unívoca: em conjunto, e não do modo desagregado. Desta leitura global perpassa a ideia de uma vila que, nestes anos do reinado de D. João III e de regência por menoridade de D. Sebastião, se impunha com importância estratégica, junto ao maior rio português e não longe do Paço Real de Almeirim, e com presença de uma elite cultural *aggiornata* de cultura clássica. Apesar dos ventos adversos, e das censuras da Inquisição, Santarém era então um espaço estimulante de liberdade criadora, uma memória que hoje parece esquecida, mas da qual ainda restam amplos resultados.

Delegação do Porto

Vamos Minorar A “Solidão Profunda”

Um dos aspetos mais relevantes da nossa missão como Associação de Solidariedade Social é ajudar os nossos Associados a combater a situação a que decidimos chamar a “solidão profunda”. Referir-mo-nos à situação neste momento vivenciada por muitos dos nossos colegas que, apesar da sua avançada idade, de problemas de saúde e de uma situação familiar rarefeita. Tal poderá acontecer por morte ou afastamento dos companheiros de toda uma vida e de outros familiares significativos, ainda se encontram em suas casas, sozinhos na totalidade ou na maior parte do tempo.

Confrontam-se, muitas vezes, com problemas de profunda solidão, sentindo frequentemente que não têm com quem falar de maneira significativa, expondo as suas ideias, opiniões, sentimentos, receios e necessidades.

Esta é uma situação referenciada e estudada atualmente em todo o mundo. Em Portugal, estima-se que sejam mais de 44.500 os idosos que vivem em situação de vulnerabilidade, com sintomas de isolamento social.

O isolamento social surge por ausência de contacto familiar ou social, pouco envolvimento com o mundo exterior, dificuldade de acesso a serviços e a atividades de lazer.



Com frequência, alguns dos nossos associados telefonam para a nossa Delegação e falam connosco, sobretudo com a nossa colaboradora, Sara, apenas para nos relatarem as dificuldades da sua situação atual, acabando muitas vezes por nos visitar e passar a interagir com as nossas atividades.

Têm-nos feito sentir que gostariam de ter quem os acompanhasse a consultas, tratamentos, espetáculos, compras de vestuário...

Por outro lado, alguns associados têm revelado disponibilidade para oferecerem algum do seu tempo para acompanhar colegas com estas necessidades.

Nesse sentido, propomo-nos criar um novo projeto **“VAMOS MINORAR A SOLIDÃO PROFUNDA”**, através da formação de um corpo de voluntários, como primeiro passo, em colaboração com a CASES, Cooperativa António Sérgio para a Economia Social.

Brevemente daremos mais notícias.

Delegação de Setúbal

“Café com Debate”

As tertúlias sempre estiveram ligadas aos cafés. Desde o século XVI, esses espaços reuniam poetas, estudiosos, comerciantes e filósofos. No século XVII, surgem os cafés públicos, inspirados nas tertúlias francesas, promovendo debates e impulsionando mudanças sociais e culturais.

Em Portugal, as tertúlias foram trazidas de Paris e, no século XIX, surgem as primeiras casas de café em Lisboa e no Porto, tornando-se centros de animação cultural e artística. Com nomes como Júlio Castilho, Almeida Garrett e Alexandre Herculano, os cafés tornaram-se verdadeiras academias de pensamento e moda.

No século XIX e primeira metade do século XX, as tertúlias desempenharam um papel crucial no desenvolvimento da política e das artes em Portugal, promovendo a troca de ideias e a discussão de novos livros.

Inspirada nesse conceito, a atividade “Café com Debate” da Delegação de Setúbal trará, em 2025, entre vários, o tema da Inteligência Artificial (IA) e seu impacto na melhoria da qualidade de vida na comunidade.

A IA transforma diversos setores, influenciando como vivemos e trabalhamos. Admite-se que o seu potencial encaminhe para benefícios e desafios, exigindo uma reflexão sobre seus impactos sociais. O objetivo do evento é compreender esses efeitos e discutir medidas que garantam um uso responsável e ético da tecnologia.



Delegação de Viseu

A Inteligência Artificial ao Serviço dos Professores

No passado mês de janeiro, a Delegação de Viseu da Associação de Solidariedade Social dos Professores (ASSP) teve o prazer de receber a Dra Marta de Castro Néri para uma tertúlia inspiradora sobre Inteligência Artificial (IA). Para muitos dos presentes, esta sessão marcou o primeiro contacto com este fascinante universo tecnológico.

Durante a tertúlia, Dra Marta de Castro Néri explicou de forma clara e acessível os conceitos fundamentais da IA, desmistificando receios e apresentando as suas inúmeras potencialidades, nomeadamente, no que diz respeito ao ensino.

Neste contexto, a IA pode ser uma grande aliada na vida dos professores, oferecendo ferramentas para melhorar a eficácia e a personalização de todo o processo de ensino-aprendizagem.

Um dos temas abordados foi o uso de *prompts*, ou seja, as instruções que fornecemos às ferramentas de IA para obter respostas mais eficazes e precisas. Da qualidade e da clareza do *prompt* depende directamente o resultado gerado pela IA.

Com exemplos práticos, aprendemos a estruturar *prompts* de forma otimizada para diferentes necessidades.



Outro ponto alto da sessão foi a introdução ao Gamma, uma ferramenta inovadora que permite criar apresentações e conteúdos de forma intuitiva, potencializando o uso da IA na educação e no dia a dia dos professores.

Ficou claro que a IA pode ser um poderoso aliado no ensino, ajudando a poupar tempo, personalizar materiais e incentivar novas metodologias pedagógicas.

No entanto, não devemos esquecer que a IA deve ser vista como uma ferramenta de apoio, não como uma substituição do papel humano no processo educativo.

No final, todos os presentes agradeceram à Dra Marta de Castro Néri pela partilha de conhecimento e pelo incentivo à adaptação das novas tecnologias.

Esta tertúlia foi, sem dúvida, apenas o início de uma caminhada para explorarmos, as potencialidades da IA na nossa prática docente.

Convocatórias

Convocatória da Assembleia Geral

Nos termos do disposto no Artº 34º dos Estatutos da ASSP, convocam-se os Associados para uma Reunião Ordinária da Assembleia Geral, a realizar no dia 29 de Março de 2025, pelas 14h30, na Escola Secundária de Camões, sita na Praça José Fontana, 1050-129 Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Leitura e aprovação da ata da Assembleia anterior.
2. Informações.
3. Apreciação e Votação do Relatório de Gestão e Contas de 2024.
4. Ratificação dos últimos financiamentos obtidos junto do Banco Montepio.

Se, à hora marcada, não estiverem presentes ou representados mais de metade dos Associados, fica a mesma marcada para meia hora depois, com qualquer número de presentes.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Luís Manuel Madeira Pargana

Convocatória das Assembleias Regionais

Nos termos do disposto no Artº 53º dos Estatutos da ASSP, convocam-se os Associados para uma Reunião Ordinária das Assembleias Regionais, a realizar no dia 27 de Março de 2025, em hora e local que serão atempadamente indicados pelos Presidentes das Mesas, caso não seja possível terem lugar às 14h30 nas sedes das Delegações da ASSP, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Leitura e aprovação da ata da Assembleia anterior.
2. Informações.
3. Apreciação e Votação do Relatório de Gestão e Contas de 2024.
4. Ratificação dos últimos financiamentos obtidos junto do Banco Montepio.

Se, à hora marcada, não estiverem presentes ou representados mais de metade dos Associados da Delegação, fica a mesma marcada para meia hora depois, com qualquer número de presentes.

Os/As Presidentes das Mesas
das Assembleias Regionais



CONSIGNAR É AJUDAR



Campanha
de Consignação de IRS

NÃO FIQUE DE FORA

501 406 336

